

Convivência dos povos entre o universal e o particularismo bíblico

Abrimos a Bíblia e encontramos a humanidade tal como hoje a conhecemos, marcada pela cobiça e pela inveja. É assim desde aquela cena no jardim com aquela mão fechando-se sobre um fruto imaginado, desejo ardente para os olhos (Gn 3,6), que nos tornaria iguais a deus, um deus imaginado: totalitário, prepotente, invejoso e ciumento (Gn 3,1-5). É assim desde aquele fratricídio de Caim, que, por inveja, mata o seu irmão Abel (Gn 4,1-16). É assim desde que o tirano Nimrod, pai do imperialismo (Gn 10,8-12), coloca outro “princípio” (*re'shît*) (Gn 10,9) diferente do da palavra criadora de Deus, que abre o Livro do Génesis (Gn 1,1).

Significativamente foi para *oriente* e para o *passado* que foi atirada a humanidade do jardim (Gn 3,24), por causa do pecado. Caim, perdido, à procura de si mesmo, continua esta viagem errática para *oriente* e para o *passado* (Gn 4,16). Finalmente, quando o narrador nos informa de que toda a humanidade tinha emigrado para *oriente* e para o *passado* (Gn 11,2), ficamos a saber que a humanidade está acantonada em Babel (Gn 11,1-9), no vale (*biq'ah*) do país de Senaar (Gn 11,2), que traduz bem os vales onde todos vamos ficando sepultados¹.

¹ Ezequiel falará de um outro vale (*biq'ah*) (Ez 3,22.23; 8,4; 37,1.2), na Babilónia, repleto de ossos secos, sem nenhuma esperança, mas à beira do milagre. A. LaCOCQUE - *De la mort à la vie (Ézéquier 37)*, in A. LaCOCQUE, P. RICOEUR - *Penser la Bible*, Paris, Seuil, 1998, pp. 191-222; D. I. BLOCK - *The Book of Ezekiel. Chapters 25-48*, «The New International Commentary on the Old Testament», Grand Rapids, Michigan / Cambridge, Eerdmans, 1998, p. 392. E o Salmo 23,4 fala do «vale da sombra da morte» (*gê' tsalmawet*). Em última análise, são os vales onde todos vamos ficando sepultados.

“Oriente” e “passado” dizem-se, na língua hebraica, com o mesmo termo *qedem*, sendo que “futuro” se diz *'aharît*, que significa também “costas” e “atrás de”. Esta maneira de dizer implica que o homem bíblico caminhe para o futuro de costas, orientando-se pelo passado que tem à sua frente e que vê aumentar continuamente ². Ora, a progressiva caminhada para oriente e para o passado, que os textos que estamos a ler documentam, anula os horizontes e atira inevitavelmente a humanidade contra a morte ou contra o muro branco do cemitério. Está correcto, dado que a Bíblia também refere que a morte é fruto do pecado (Sb 1,12-13; Rm 5,12; 6,23; 7,11; 1 Cor 15,56), não, porém, no sentido de que é sanção do pecado, mas no sentido de que o pecado é atracção, fascínio, pela morte, pela vitalidade da morte, em última análise, idolatria, que é a recondução da existência humana para dentro do princípio natural, sol e solo ³.

Sobre as cinzas da “bendita diferença” da palavra ⁴, isto é, sem escuta da palavra primeira e criadora e interpelante e sem palavra segunda e responsável, sem palavra verdadeira que é sempre desejo de outra palavra ⁵, nasce em Babel uma nova humanidade, acantonada, e que fala uma só língua (Gn 11,1.6); pior do que isso, em que todos, à uma, não dizem, mas ordenam a mesma coisa da mesma maneira (Gn 11,3.4). Nova humanidade acantonada, sintomaticamente auto-condenada a «fazer tijolo» (Gn 11,3), para construir para si mesma uma cidade, uma torre, um nome (Gn 11,4). Nova humanidade e nova identidade sem Deus e sem filiação, entenda-se sem palavra primeira e criadora e sem palavra segunda e responsável, sem recitação, sem diferença e sem distância, em que somos nós a fazer o nosso nome, entenda-se um deus à nossa imagem e à nossa medida, um ídolo, entenda-se um mundo completamente fechado, em circuito fechado, em que cada um é simultaneamente dono e escravo de si mesmo ⁶.

² P. BOMAN - *Das hebraische Denken im Vergleich mit dem griechischen*, Göttingen, 3ª ed., 1959, pp. 128s.; H. W. WOLFF - *Antropología del Antiguo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1975, pp. 123-124; N. LOHFINK - *Liberté et Répétition. Compréhension chrétienne de l'histoire*, in N. LOHFINK - *L'Ancien Testament. Bible du chrétien aujourd'hui*, Paris, Centurion, 1969, p. 155, e nota 8.

³ P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, Casale Monferrato, Piemme, 2000, p.198. Trata-se, em última análise, da substância da idolatria, que consiste na recondução da existência humana para dentro do princípio natural, que contém a morte. C. DI SANTE - *Il concetto di Dio negli scritti rabbinici*, in A. PANIMOLLE (ed.) - *Dio-Signore nella Bibbia (Dizionario di Spiritualità Biblico-Patristica [= DSBP], 13)*, Roma, Borla, 1996, p. 132-134, e nota 17.

⁴ E. BIANCHI - *Adamo, dove sei? Commento esegetico-spirituale ai capitoli 1-11 del libro della Genesi*, Magnano, Qiqajon, Comunità di Bose, 2ª ed., 1994, p. 287.

⁵ A. WÉNIN - *Pas seulement de pain... Violence et alliance dans la Bible*, Paris, Cerf, 1998, p. 36.

⁶ Este desdobraimento é uma das melhores definições de idolatria. P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, p. 60.

Ousadia do texto. Deus não abandona esta humanidade invejosa e pecadora, não espera por ela à porta da sua eternidade ⁷, mas vem ao seu encontro tal como ela é, respeitando-a e assumindo a imagem falsa que esta humanidade invejosa e mentirosa fez de Deus, desde Gn 3 até Gn 11, não para ser cúmplice com ela, mas para a transformar. Longa viagem. Condescendência de Deus. Misericórdia de Deus. Pedagogia de Deus. Homeopatia de Deus ⁸.

I. Texto paradigmático fundamental da eleição (Gn 12, 1-3)

É assim que, após essa longa história de cobiça e inveja, violência e morte, acompanhada por uma progressiva deslocação para oriente e para o passado, que vai desde o jardim, de Gn 3, até Babel, de Gn 11, somos confrontados com o texto paradigmático da eleição, que é Gn 12,1-3:

«Disse YHWH a Abrão: “Vai para ti (*leq-l'ka*) do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que *eu te farei ver*. ²E eu farei de ti um grande povo e te abençoarei e engrandecerei o teu nome. Sê uma bênção! ³Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. E serão abençoadas em ti todas as famílias da terra”».

Este episódio do chamamento e da eleição de Abraão – note-se que o primeiro “judeu” é um pagão escolhido do meio do pecado universal das nações! ⁹ –, postado logo a seguir à de-construção de Babel e à consequente dispersão no múltiplo, introduz a questão do Um. Abraão representa o Único. As “famílias” das Nações formam o todo. Um face a todos. E Deus quer que o todo seja abençoado através do Único ¹⁰, instaurando para isso a principal diferença: a eleição ¹¹. Quando, porventura, estaríamos à espera de que Deus interviesse para reunir, eis que intervém para separar ainda mais. De facto, a eleição é concebida como a grande diferença, em que o eleito, enquanto Único, fica face ao universal ¹². Esta

⁷ J. L. SKA - *La parola di Dio nei racconti degli uomini*, Assis, Cittadella, 2000, p. 69.

⁸ Excelente leitura deste passo em P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps. Essais bibliques*, Paris, Cerf, pp. 207-208; P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament. II. Accomplir les Écritures*, Paris, Seuil, 1990 [= *L'Un et l'Autre Testament*, II], pp. 154-155.

⁹ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p.205; P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament. Essai de lecture*, Paris, Seuil, 1977 [= *L'Un et l'Autre Testament*, I], p. 264.

¹⁰ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 241.

¹¹ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p. 208.

¹² P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p. 205.

oposição é requerida pelo conceito de eleição ¹³, que implica a escolha de um só para estabelecer o confronto com a totalidade ¹⁴.

Note-se que o eleito, o Único, é abençoado sem condição («Abençoarei e engrandecerei o teu nome») (Gn 12,2), sendo as “famílias” da terra abençoadas sob condição, a de abençoarem o eleito: «Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem» (Gn 12,3) ¹⁵.

Dá para entender que, em vez de jogar pelo seguro e transferir a humanidade para longe dos lugares de violência e de morte, fruto da inveja e da cobiça, Deus opta, ao contrário, por reproduzir o cenário do fratricídio de Caim, concedendo outra vez, sem qualquer justificação ¹⁶, a sua bênção a um eleito, instaurando assim uma nova separação, quem sabe, fonte outra vez de inveja, violência e morte ¹⁷. Fica, portanto, claro que Deus renuncia à solução automática de regular tudo sozinho, dispensando as mediações humanas. A eleição significa que Deus não fará a salvação do homem sem o homem ¹⁸.

Babel revelou que a humanidade, sob a sua forma cultural e política, está doente. Nestas condições, a eleição deve compreender-se como um remédio. Mas um remédio homeopático (*similia similibus curantur*) ¹⁹, reclamando, portanto, o consentimento e cooperação livre e responsável de todos: do eleito e do não-eleito.

1.1. A prova do eleito

Do eleito em primeiro lugar. É, de facto, necessário que o eleito não encare a eleição como um privilégio a que se agarrar ciosamente em proveito próprio, querendo-a só para si, e julgando os outros indignos dela ²⁰. Invejoso é aquele que quer ser, sem mediação, um com tudo, dizendo de

¹³ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, I, pp. 236-237.

¹⁴ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 238; H. SEEBASS - *bachar*, in G. J. BOTTERWECK, H. RINGGREN (eds.) - *Theological Dictionary of the Old Testament*, II, Grand Rapids, Eerdmans, 1975, p. 83; M. CIMOSA - *L'elezione divina nell'Antico Testamento, in Elezione - Vocazione - Predestinazione (Dizionario di Spiritualità Biblico-Patristica. I grandi temi della S. Scrittura per la «Lectio Divina»)*, Vol. 15, Roma, Borla, 1997, pp. 26-27.

¹⁵ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 251.

¹⁶ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 264.

¹⁷ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut. Réflexions exégétiques et théologiques sur Genèse 12 dans son contexte narratif*, in *Revue théologique de Louvain*, 27, 1996, p. 9.

¹⁸ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p.13.

¹⁹ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, pp. 206.208; A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p.23.

²⁰ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p. 210.

si mesmo: “*eu como todos; ninguém como eu*” ²¹. É, portanto, necessário que o eleito vença esta tentação e não adopte face aos outros atitudes invejosas, enviesadas ou desconfiadas, fazendo deles maus juízos, e abeirando-se deles de forma dissimulada e distorcida, carregado de preconceitos, mentira, violência e morte. Se adoptar tais atitudes incorrectas, o eleito é o responsável pelo fracasso da eleição, não superando a “prova” da eleição, antes perventendo-a, fazendo degenerar a bênção em morte. Do eleito é, portanto, requerida a libertação do mundo da posse e do olhar cobiçoso e invejoso:

«*Vai para ti do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que eu te farei ver*».

Viagem do *haver* para o *a-ver* ²². E, ainda assim, *não para o nosso ver cobiçoso e invejoso*, bem documentado em Gn 3,6, naquele paratático e fatal

«*E viu (ra'ah) a mulher que era boa (tôb) a árvore para comer e um desejo ardente (ta'wah)* ²³ para os olhos, e era desejável (*nehmad*) ²⁴ a árvore para obter inteligência (*haskil*) ²⁵, e tomou (*wattiqqah*) do seu fruto, e comeu (*watto'kal*), e deu também ao seu marido, que estava com ela, e ele comeu (*wayyo'kal*)».

mas para o como Deus nos faz ver, documentado em Abraão (Gn 12,1) e Moisés (Dt 34,1.4), a quem Deus *faz ver* a Terra Prometida, não para a possuir (*haver*), mas para a *receber* como um dom ²⁶, não com olhos cobiçosos e invejosos, mas de bondade e benevolência, não com mãos que se fecham e retêm (*yôd*), mas com mãos que se abrem e dão (*kaph*) ²⁷. Neste sentido, é pedido ao eleito um trabalho de casa, dentro da própria casa, trabalho de libertação para a liberdade, fazer-se livre, bem patente naquele *dativus commodi* ou “de vantagem”, também chamado “dativo ético”, que

²¹ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, pp. 206.208.

²² A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 10-11.

²³ Os rabinos vêm no termo *ta'awah* um «desejo apaixonado». E. TESTA - *Genesi. Introduzione - Storia primitiva*, Turim, 1969, Marietti, p. 307.

²⁴ *ta'awah* e *nehmad* (de *'awwah* e *hamad*), juntos neste versículo, são os dois termos que, no decálogo, designam a cobiça (respectivamente em Dt 5,21 e Ex 20,17). A. WÉNIN - *Le décalogue, révélation de Dieu et chemin de bonheur*, in *Revue théologique de Louvain*, 25, 1994, pp. 179-180.

²⁵ Significativamente, no século XIX, os judeus traduziram *Aufklärung* por *haskala*.

²⁶ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 10-11.

²⁷ M.-A. OUAQNIN - *Les dix commandements*, Paris, Seuil, 1999, p. 133.

em hebraico soa *leq-leka*, à letra: «Vai para ti», que implica uma componente reflexiva, e não uma simples viagem no mapa, da ordem da geografia²⁸.

Do eleito é ainda requerida a confiança, pois partir para além da inveja, para a liberdade, por causa de uma palavra, supõe a confiança. Mas, em boa verdade, a confiança precede o eleito, dado que, ao endereçar-lhe aquela palavra, Deus já está a depositar confiança nele. *Inaudita confiança*, pois Deus vai até ao ponto de deixar nas mãos do eleito o seu projecto de bênção para todos²⁹.

1.2. A prova do não-eleito

A eleição representa, portanto, para o eleito, uma grande responsabilidade e uma séria prova. É que, para entrar na esfera dos benefícios da bênção, o não-eleito não pode recorrer senão ao eleito. É preciso, para isso, que o não-eleito se possa confrontar com um modelo de eleito, livre da inveja e da cobiça. Se tal suceder, é sinal de que o eleito superou a sua “prova”, e é então a vez do não-eleito ser posto à “prova”. É notório que a situação de bênção do eleito arma ao não-eleito o “laço” da inveja, dado que acarreta consigo a reposição da situação de Caim face a Abel, sendo Caim incapaz de se alegrar com a bênção concedida ao seu irmão. Na realidade, Caim não compreende que a presença do outro é vital para ele, porque se é a alteridade que permite que alguém se conheça a si mesmo, como é que aquele que elimina o outro por inveja e por ciúme se pode então encontrar a si mesmo?³⁰ A eleição é uma armadilha e uma tentação para o não-eleito. E o não-eleito só desmonta a armadilha e vence a tentação da posse e da inveja, se abençoar o eleito, isto é, se, em vez de o invejar, se alegrar pela oportunidade feliz que representa também para ele a escolha que Deus fez do eleito³¹. Se assim proceder, correctamente, o não-eleito está também a abandonar a inveja, que barra o acesso à bênção. Se o não fizer, permanece na maldição de Caim, porque a sua atitude é negação do outro, violência e morte.

1.3. A eleição no triângulo da aliança

Vê-se, assim, que Deus oferece a bênção através do eleito. Oferece-a; não a impõe. Pode cada um recebê-la por uma atitude que ponha termo à inveja e à cobiça, primeiro o eleito, depois o não-eleito. Nenhuma mediação é negligenciada. Ninguém permanece passivo. Mas também ninguém faz tudo. O jogo da aliança requer a cooperação de todos, cada um no seu lugar: Deus, o eleito, as nações³². Cada um deve cooperar como sujeito na realização da bênção, que recebe ao mesmo tempo de Deus e de outrem, dado que, no *triângulo da aliança*, ninguém é o centro. Pelo contrário, cada *partner* decentra-se em relação aos outros dois: Deus oferece a bênção à humanidade; o eleito prossegue este projecto de oferecer a bênção de Deus a todos; o não-eleito alegra-se com a escolha que Deus fez do eleito para fazer chegar a sua bênção também a ele³³.

De notar que, com esta estratégia da eleição inserida na dinâmica da aliança, Deus oferece a sua bênção, mas liberta-se de todo o controlo sobre ela, dado que todos os homens (o eleito e o não-eleito) são convidados a prestar o seu consentimento livre.

Resumindo: Deus confia nos homens, no eleito e nos outros, escolhendo entregar-se a eles, para que possam ser eles a acolher e a oferecer a alegria da salvação. Procedendo assim, Deus é o primeiro a recusar entrar no jogo da concorrência, fruto da posse e da inveja. A bênção salvadora de Deus não tem nada de mágico. Por detrás da aparente preferência concedida ao eleito, esconde-se, na verdade, o amor de Deus por toda a humanidade e um infinito respeito pela liberdade de cada ser humano³⁴.

II. O fracasso do eleito: Abraão no Egipto (Gn 12, 10-20) e em Guerar (Gn 20, 1-11)

Já atrás referimos que Abraão, o primeiro “judeu”, é um pagão escolhido do meio do pecado universal das nações. É notório que as nações olharão para Abraão pela óptica com que forem olhadas por ele. Paradigmática é a chegada de Abraão, pouco depois, ao Egipto (Gn 12,10-20) e, mais tarde, quase em duplicado, à cidade-estado filisteia de Guerar (Gn 20,1-11). Nos dois lugares, Abraão vê-se confrontado com pessoas às

²⁸ P. JOÛON - *Grammaire de l'hébreu biblique*, Roma, Pontificio Istituto Biblico, 2ª reimpressão fotomecânica da 2ª edição corrigida (1965), 1996, § 133 d; A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 11-12.

²⁹ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 11.

³⁰ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 7.

³¹ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 251; A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 13; J. GUILLET - *Le langage spontané de la Bénédiction dans l'Ancien Testament*, in *Recherches de Science Religieuse*, 57, 1969, pp.163-204, esp. pp. 200-203.

³² A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 14.

³³ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 23-24.

³⁴ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 24.

quais é destinada a bênção de Deus, de que ele, o eleito, é o único mediador. Grande responsabilidade, portanto.

Mas um medo de morte o habita. Aos olhos de Abraão, a beleza de Sara, sua esposa, constitui para ele perigo de morte³⁵. É assim que, ao chegar à fronteira do Egípcio, o narrador nos mostra Abraão a dizer para Sara:

«...¹¹Na verdade, eu sei que tu és uma mulher bela à vista; ¹²logo que os egípcios te virem, dirão: “é a mulher dele”, e matar-me-ão, mas a ti deixar-te-ão viver. ¹³Diz, eu te peço, que és minha irmã, para que me tratem bem por tua causa, e, graças a ti, me conservem a vida» (Gn 12,11-13).

Pressentido o perigo imaginado, Abraão congemina logo a estratégia de defesa, e pede à sua mulher que minta, dizendo que é sua irmã (Gn 12,13), dissimulando assim a sua verdadeira relação com Sara³⁶. A leitura tipológica mostra-nos como Deus escreve a sua verdade sobre as nossas mentiras. Ao contrário de Abraão, que sacrifica a integridade do corpo da esposa para salvar a sua vida, no “mistério grande” de Ef 5,25-32, Cristo, o eleito, que congrega a humanidade desposando a Igreja, em que estão lado a lado Abraão e o Faraó, judeus e gentios, entrega a sua vida, dá o seu sangue para santificar e purificar a sua esposa³⁷.

Podemos agora clarificar os aspectos fundamentais do comportamento de Abraão: 1) tem preconceitos acerca dos egípcios, pensando que eles têm o olhar cobiçoso e invejoso que já encontramos em Gn 3,6; 2) considera os egípcios como rivais; 3) usa a sua mulher como um meio para se proteger.

As relações que Abraão, o eleito, se prepara para estabelecer estão, portanto, minadas à partida, porque assentes na posse e na inveja, na rivalidade e no medo, que o levam a ver no outro um concorrente perigoso, como é o caso do Egípcio, ou um simples meio para utilizar em proveito próprio, como é o caso de Sara³⁸.

A cena paralela de Gn 20,1-11, na cidade filisteia de Guérar, cujo rei é Abimelec, confirma esta leitura, sendo aí o desprezo pelo outro ainda mais acentuado³⁹. De facto, chegado a Guérar, Abraão apressa-se a declarar que

³⁵ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 19.

³⁶ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 20.

³⁷ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p. 210; P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 243.

³⁸ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p.20.

³⁹ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, pp. 240-243.

Sara é sua irmã (Gn 20,2), pois tinha sido levado a pensar, de resto sem qualquer fundamento, que não devia haver nenhum temor de Deus naquele lugar, pelo que certamente o matariam por causa da sua mulher (Gn 20,11). Dando por suposto ter sido retirado do mundo da posse e da inveja, o eleito é levado a pensar que os outros ainda lá estão atolados. Puro preconceito de Abraão, formalmente desmentido por Abimelec, rei de Guérar, que age afinal de boa consciência e mãos puras (Gn 12,5-6), e até adverte Abraão pelo seu comportamento irresponsável (Gn 20,9-10)⁴⁰.

Nos dois casos referidos, Abraão parece ser levado a pensar que a eleição que o afecta e a bênção que transporta lhe conferem direitos sobre os outros, levando-o a agir na condição de privilegiado que se acha no direito de se proteger, até porque, dizem alguns estudiosos, caso lhe viesse a acontecer alguma desgraça, porventura a morte, tal situação acarretaria o fracasso da eleição de Deus e da sua bênção⁴¹. Raciocínio viciado. Correcto seria que Abraão considerasse que a sua atitude de inveja, desconfiança e desprezo pelos outros é que votaria ao fracasso a sua vocação de eleito e a sua missão de mediador da bênção para todos⁴². De facto, se ele vê no outro um rival de quem há que desconfiar, se utiliza o outro como um meio para proveito próprio, se usa dissimulação, então está a camuflar a diferença a que Deus o chama. Está mesmo a negá-la, dado que o seu procedimento em nada difere do comportamento cobiçoso, invejoso e portador de morte que atravessa as páginas de Gn 3-11. E, nestas condições, como é que o não-eleito se pode confrontar com um modelo de eleito, livre da inveja e da cobiça?⁴³

Digamos as coisas de outra maneira: se Abraão se tivesse comportado como eleito, renunciando à posse, à inveja e à cobiça, se não tivesse dissimulado a sua condição de marido de Sara, ter-se-ia colocado então como obstáculo ao desejo do Faraó. E o Faraó, claramente confrontado com o limite do seu desejo, podia então optar com inteiro conhecimento de causa. Nessas condições, tomar Sara seria ceder à cobiça e desprezar Abraão, escolhendo, em última análise, a maldição. Ao contrário, respeitar o casal equivaleria a abençoar Abraão, pondo de lado a cobiça e a inveja, e a receber desse modo a bênção oferecida.

⁴⁰ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 20-21.

⁴¹ Muitos exegetas seguem este caminho. Ver, por exemplo, G. VON RAD - *Genesi. Traduzione e commento*, Brescia, Paideia, 2ª ed., 1978, p. 217.

⁴² A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 21.

⁴³ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 22.

Em boa verdade, ao não se ter comportado como eleito perante o Faraó, Abraão não concede sequer ao Faraó a oportunidade de renunciar à cobiça e aderir à bênção. Por esse motivo, em vez da vida, Abraão leva-lhe a maldição (Gn 12,17)⁴⁴. Levado pelos seus preconceitos e medos, Abraão optou pela mentira. E o Faraó, que até se vem a revelar homem de boa fé (Gn 12,18-19), acaba por cair vítima da mentira de Abraão, o que representa um rotundo fracasso para o eleito⁴⁵.

Postando-se face ao outro numa atitude de posse (a sua vida e a sua mulher) e preconceituosa (desconfiança e medo), Abraão acaba por provocar no outro idênticos sentimentos de posse e desconfiança, barragem à bênção erguida pelo comportamento incorrecto do eleito.

Um Israel apenas cioso da sua diferença e desconfiado e temeroso face aos outros, ou uma Igreja apenas ciosa da sua diferença e desconfiada e temerosa face ao mundo, foram sempre fonte de desconfianças, e, conseqüentemente, barragem à multiplicação da bênção.

Dentro da Bíblia, é usual mencionar-se a época de Neemias-Esdras, na viragem do século V a.C. para o século IV a.C., como paradigma de um Israel que pensa que é fechando-se desconfiadamente na concha da sua diferença, e não falando abertamente ao mundo, que salvará a semente da bênção. Jonas, «o hebreu», representa bem este Israel particularista, mas o autor do Livro, que é universalista, força-o a abrir-se ao mundo, o que este faz a contra-gosto⁴⁶. É também usual mencionar-se, e agora ainda em pior sentido, aquele Israel violento, que encontramos sobretudo nos Livros de Josué e dos Juízes, que extermina sem piedade as populações que encontra pela frente, nomeadamente velhinhos, mulheres e crianças. Se assim procedesse, o eleito falharia a sua prova logo à raiz, obcecado pela violência e pela posse. A justificação por vezes apresentada não é convincente: tratar-se-ia de gente imersa no pecado (Gn 15,16; Dt 9,5) e que representaria um perigo para a fé do eleito (Dt 7,1-7). Mas a missão do eleito

⁴⁴ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, pp. 22-23.

⁴⁵ A. WÉNIN - *Abraham: élection et salut*, p. 22.

⁴⁶ Acerca da tensão "universalismo-particularismo" que se manifesta no Israel pós-exílico, nomeadamente na época de Neemias-Esdras, ver R. NORTH - *Universalismo y segregación postexilica*, in *Jalones de la Historia de la Salvación en el Antiguo Testamento*, I, Madrid, 1969, pp. 283-297. Neste sentido, Jonas é, uma caricatura, no pior sentido, do povo judeu. Não para dizer que o povo judeu era extraordinariamente mau, como alguém poderá ser levado a pensar, mas para mostrar também a sua capacidade de auto-crítica sadia. Além do mais, este Livro era lido na grande Festa do Yom Kippur. F. C. HOLMGREN - *The Old Testament and the significance of Jesus. Embracing change - maintaining Christian identity: the emerging center in biblical scholarship*, Grand Rapids, Michigan / Cambridge, Eerdmans, 1999, pp. 7-11.

não é defender-se, mas expor-se, de modo a servir de modelo ao não-eleito. Mas as coisas não se passaram certamente como os textos as narram e é seguro que Israel não passou ao fio da espada os habitantes de cidades inteiras. A solução pode estar no género literário dos relatos. Este excesso de linguagem não vem dos factos, mas da epopeia⁴⁷.

III. O fracasso do não-eleito: a rejeição dos profetas

Ao escolher e chamar Abraão e a sua descendência, Israel, o Deus da Bíblia não se torna um deus local ou nacional, mas é sempre o Deus universal, criador e senhor de todas as coisas, redentor de toda a humanidade, que «quer (*thélei*) que todos os homens sejam salvos (*sôthênai*), e que ao conhecimento (*epígnôsis*) da verdade venham (*eltheîn*)» (1 Tm 2,4). E, por isso, se escolhe uma pessoa ou um povo, essa eleição não constitui um privilégio a que o eleito se deva agarrar orgulhosa e ciosamente em proveito próprio, mas é para levar a toda a humanidade a salvação do único Deus. Chamado por Deus, mas responsável face a todos. Penetrantemente viu Emmanuel Levinas que a verdadeira individuação, pela qual me torno único, se processa, não pela forma ou pela matéria – como era clássico dizer-se –, mas pela eleição e pela responsabilidade indeclinável face aos outros que decorre da eleição⁴⁸.

O único, o eleito, fica sempre entre Deus e os outros. Eleito por Deus, mas com uma missão para os outros. A figura bíblica que melhor retrata esta dupla fidelidade à sua vocação e à missão universal que daí decorre, é, como se sabe, o profeta, e, de entre todos os profetas, o destaque vai para Jeremias⁴⁹, único e só face a todos (Jr 15,17), por todos amaldiçoado (Jr 15,10). O profeta verdadeiro nasce pela impressão no seu corpo, na sua vida, da Palavra de Deus. Só depois a pode exprimir. E, ao expimi-la, dirá: «Assim fala YHWH», atribuindo dessa maneira o começo a outrem: assim fala, não o profeta, mas YHWH. A atribuição do começo a outrem é terrível; não é gratuita, e pode ter de ser paga, pela obediência do corpo, até à morte⁵⁰. Não é assim o falso profeta, que tem em si o seu começo:

⁴⁷ J. L. SKA - *La parola di Dio nei racconti degli uomini*, pp. 86-88.

⁴⁸ E. LEVINAS - *Transcendência e inteligibilidade*, Lisboa, Edições 70, 1991, p. 34; E. LEVINAS - *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Lisboa, Edições 70, 1988, p.73; E. LEVINAS - *Di Dio che viene all'idea*, Milão, Jaca Book, 1983, pp. 115. 211-212.

⁴⁹ P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 370.

⁵⁰ P. BEAUCHAMP - *La prophétie d'hier*, in *Lumière et Vie*, 115, 1973, pp. 19-21.

fala apenas de si e em seu nome; não fala em vez de outrem; não chega à dádiva da vida. O verdadeiro profeta fala em vez de outrem: é o homem da palavra segunda e responsável. Apresenta-se, por isso, face aos outros com verticalidade, verdade, humildade e benevolência, possibilitando assim aos outros assumir idêntica atitude ou rejeitá-la. No mais curto “módulo narrativo”⁵¹ de toda a Escritura, Jesus deixa claro que prevaleceu a atitude de rejeição do povo face ao profeta, pois fala do «*sangue de todos os profetas* que foi derramado desde a criação do mundo, desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias» (Lc 11,50-51)⁵². Com isto, Jesus está a dizer que *todos os profetas foram assassinados*, que não lhes foi reconhecida a sua diferença, que o seu modelo de justiça foi rejeitado, fracassada a sua oferta de bênção.

Igual rejeição e idêntico fracasso conhecerá, de resto, como sabemos, o profeta definitivo, que agora se opõe e expõe a esta geração.

É sabido que o profeta verdadeiro, liberto de toda a inveja e cobiça, retenção e orgulho, e consciente da sua responsabilidade de eleito perante todos, se opõe, na vida e no discurso, ao seu povo, a quem verbera a idolatria, que é sempre fétido apego à natureza, fascínio pela vitalidade da morte⁵³. É neste contexto que o profeta procede, de forma indirecta, à crítica mordaz de outros povos e culturas, que adoram deuses “contrafeitos”, portanto, ídolos. De forma directa, o profeta critica o seu povo por se ter tornado pagão e idólatra como os outros povos. Cito, a título de exemplo, uma conhecida passagem de Jeremias:

«Escutai a palavra que YHWH fala sobre vós, casa de Israel.

²Assim disse YHWH: Não aprendais a conduta das nações (*gôyim*), e não tenhais medo dos sinais dos céus, porque as nações (*gôyim*) têm medo deles.

³Sim, os princípios dos povos são nada (*hebel*), apenas madeira cortada na floresta, obra das mãos de quem trabalha com o cinzel.

⁴Adornam-na com prata e ouro, seguram-na com pregos e com martelos, para que não oscile.

⁵¹ Linguagem de P. BEAUCHAMP - *L'Un et l'Autre Testament*, II, pp.355s.

⁵² Lucas inclui explicitamente Abel entre os profetas. Assim, temos o primeiro e o último assassínios de profetas relatados na Bíblia hebraica, respectivamente Gn 4,8 e 2 Cr 24,20-22, dado que o Livro do Génesis abre o cânon da Bíblia hebraica e o 2 Livro das Crónicas fecha-o.

⁵³ A morte está viva à sua maneira. P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, pp.99-100. Os ímpios consomem-se de paixão por ela (Sb 1,16; 15,6). P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, pp. 105.110.266.

⁵Esses ídolos são como um espantalho num campo de pepinos. Eles não falam; é preciso transportá-los, porque não andam. Não tenhais medo deles, porque não podem fazer nenhum mal nem tão-pouco nenhum bem.

⁶Ninguém é como tu, YHWH: tu és grande, e grande é o poder do teu nome» (Jr 10,1-6).

Ao criticar o apego de Israel a deuses “contrafeitos” e alienantes, que são mera natureza e que, portanto, dominam apenas o reino da morte⁵⁴, conforme o modelo das “nações”, o profeta não pretende menosprezar ou ridicularizar os outros, declarando-os manifestamente estúpidos, e, portanto, inaptos para receber a bênção da eleição e da responsabilidade. Pelo contrário, o profeta pretende confrontá-los com a oferta de uma nova maneira de viver segundo a palavra, a liberdade e a responsabilidade.

Já sabemos que a oferta é rejeitada, e o profeta assassinado.

Também já sabemos que Deus não impõe. Tão-pouco o profeta o pode fazer. Deus fala frágil. O profeta fala frágil. A palavra que diz é tão verdadeiramente desejo de outra palavra, que o profeta leva a sua oferta até ao fim, até à dádiva da vida.

IV. A parábola profética

Rejeição e fracasso dos profetas, todos igualmente assassinados, porque até ao fim se expuseram e opuseram a esta geração de olhar cobiçoso e invejoso, concedendo-lhe um modelo isento de inveja e de cobiça, e pleno de verticalidade, verdade, bondade, benevolência.

A missão de Isaías, narrada em Is 6,9-13, é, neste aspecto, paradigmática. De falar frágil, Isaías embota o coração do povo, tapa-lhe os ouvidos e os olhos, para que não veja com os olhos nem oiça com os ouvidos, para que não compreenda e não seja curado... Até quando, pergunta Isaías? E YHWH responde: até que as cidades fiquem desertas, as casas vazias, o solo se reduza a um ermo... até que fique só um “resto”, um “toco” (*mats-tsebet*) que será uma semente santa!

Finíssima parábola da palavra e do profeta⁵⁵, que reclama, em belíssimas inclusões, dentro do Livro de Isaías, sobretudo o Servo de

⁵⁴ Excelente análise em F. ROSENZWEIG - *La Stella della redenzione*, Génova, Marietti, 2ª ed., 1986, pp. 36-37.

⁵⁵ A verdadeira palavra e o profeta verdadeiro não carregam uma evidência que esmaga ou

YHWH, dito «“raiz” (*shoresh*) que brota “da terra seca” (*me’erets tsíyah*)» (Is 53,2), e fora do Livro de Isaías, mas ainda dentro do Livro, Cristo que nasce verdadeiramente do madeiro seco, como um fruto. Mas, ao contrário do outro fruto da árvore do Génesis (Gn 3,6), não inflama a cobiça, mas cura-a ⁵⁶. De facto, tal como no aspecto disforme e nas feridas do Servo de YHWH, nós soubemos finalmente ver (Is 52,14-15) as nossas transgressões (Is 53,4.6.8.11.12) e a nossa cura (Is 53,5) ⁵⁷, assim também vendo agora o espectáculo (*theôria*) (Lc 23,48) de Cristo, «exposto por escrito (*proegráphê*), crucificado (*estauróménos*) diante dos (nossos) olhos (*kat’ ophthalmoús*)» (Gl 3,1) ⁵⁸, nós regressamos batendo no peito (Lc 23,48; cf. Ap 1,7), curados pelas suas feridas (1 Pe 2,24).

A Cruz é uma profecia para os olhos. Ela expõe o espectáculo do nosso pecado, da nossa cobiça, da nossa inveja e da nossa malvadez (quem crucificou aquele inocente?), mas também e sobretudo o espectáculo do perdão de Deus ⁵⁹. Jesus tinha, de facto, dito: «Quando eu for levantado (*hypsódô*) da terra, atrairei (*hélkô*) todos a mim» (Jo 12,32). E já antes tinha associado o seu “levantamento” com o da cobra no deserto: «Como Moisés levantou (*hypsódô*) a cobra no deserto (Nm 21,8-9), assim é necessário (*dei*) que seja levantado (*hypsódô*) o Filho do Homem» (Jo 3,14). Através desta associação, o corpo de Jesus sobre a Cruz é interpretado como o corpo da cobra (nu como o dele) fixado num poste. A cobra que se dissimula e esconde é imagem adequada do pecado. A exibição («elevação») daquilo que estava dissimulado retira-lhe a sua nocividade: é assim que se processa a cura. Também o Servo de YHWH será «elevado» (*hypsódô*) por Deus (Is 52,13). A sobreposição da cobra e do Servo e do Filho mostra-os como imagens do pecado. Sobre o Filho, ver ainda Rm 8,3 (enviado numa «carne semelhante à do pecado»); Gl 3,13 («feito maldição» por nós); 2 Cor 5,21 («fê-lo pecado por causa de nós») ⁶⁰.

subjuga o ouvinte. Antes, no seu aspecto frágil e aberto, solicitam a inteligência e a implicação do ouvinte, pedindo-lhe uma resposta que não seja uma imposição, mas um acolhimento livre, verdadeiramente humano. B. MAGGIONI - *Parabole evangeliche*, Milão, Vita e Pensiero, 5ª reimpressão (1999) da 1ª ed. (1992), pp. 8-9; B. MAGGIONI - *Era veramente uomo. Rivisitando la figura di Gesù nei Vangeli*, Milão, Ancora, 2001, p. 7.

⁵⁶ P. BEAUCHAMP - *L’Un et l’Autre Testament*, II, p. 156.

⁵⁷ P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, p. 248.

⁵⁸ P. BEAUCHAMP - *Le récit, la lettre et le corps*, p. 90.

⁵⁹ P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, pp. 247-264; B. MAGGIONI - *Era veramente uomo*, pp. 158-167.

⁶⁰ P. BEAUCHAMP - *La legge di Dio*, pp. 248-249.

A Cruz, que é sabedoria (*sophía*) de Deus (1 Cor 1,18-25), faz ver que a malvadez existe, e que é preciso vê-la, descobri-la, reconhecê-la, denunciá-la, para dela sermos curados. A Cruz faz ver ainda que Deus ama com um amor tão radicalmente subversivo que oferece o perdão à nossa malvadez, quebrando assim a espiral da nossa violência, em que à violência apenas tínhamos para oferecer mais violência. A Cruz é um espectáculo que converte ⁶¹. Na sua poderosa impotência, o Crucificado é a parábola que faz ver (*ideîn*) até onde a vista não alcança, bem dentro de nós, a crueza da nossa malvadez, e n’Ele, em Deus, a força subversiva e nova do amor e do perdão.

ANTÓNIO COUTO

⁶¹ B. MAGGIONI - *Era veramente uomo*, pp. 159-160.